

# Berlinger tenta levar o eurocomunismo a Portugal

ALBINO CASTRO FILHO  
Correspondente do GLOBO

ROMA — O secretário-geral do Partido Comunista Italiano, Enrico Berlinguer, já deu o que se pode considerar de "volta por cima" no fracasso eleitoral de 3 de junho deste ano (quando os comunistas perderam quatro por cento dos votos em relação ao pleito de 1976) e está outra vez em plena ofensiva, tentando recuperar um terreno que havia perdido nestes últimos três anos — também no plano internacional.

Depois de ter conseguido vencer a dura batalha (a da sua própria sobrevivência) no interior do partido, bem como de ter acertado os ponteiros com o secretário-geral do PC da União Soviética, Leonid Breznev (durante um longo e secreto encontro em Moscou semanas atrás) e de, por fim, ter estabelecido um "acordo tático" quinta-feira passada com os socialistas, Berlinguer trata de estender o seu raio de influência à Península Ibérica — onde há um PC mais eurocomunista de que o seu, o PCE, e um outro, o PCIP, perdido na fronteira ideológica do stalinismo e do "revisionismo".

Mas é sobretudo em função das perspectivas de um futuro acordo entre os comunistas italianos e portugueses que Berlinguer embarcará nos primeiros dias de outubro para a Península Ibérica — visitando Madri e Lisboa. A viagem, sem dúvida, será a última etapa de um plano que o próprio secretário-geral do PCI elaborou cuidadosamente a partir do fracasso eleitoral, quando estava a ponto de perder o cargo para um companheiro menos eurocomunista, Pietro Ingrao — então presidente da Câmara de Deputados.

A tática de Berlinguer para se manter à frente do partido foi a de insistir na defesa — de maneira ainda mais intransigente — de todos os pontos que vinha sus-

tentando anteriormente. Um deles — e o mais importante — é o "compromisso histórico" com a Democracia Cristã, do qual não abriu mão.

Em contrapartida, porém, na medida em que as "bases" do PCI se sentem cada vez mais apenas um bloco de apoio às manobras de Berlinguer, o Eurocomunismo, não só como tática, mas como ideologia, passou a ser questionado. E que mesmo alguns teóricos do PCI consideram o Eurocomunismo responsável pelo esvaziamento do papel do militante do partido (que teria se transformado em um simples "vendedor-de-luxo" do "L'Unità", o diário oficial dos comunistas italianos).

Por isso, o secretário-geral do PCI passou a dar maior atenção ao equilíbrio das facções internas do partido — mesmo porque o Eurocomunismo talvez não resista a um novo fracasso eleitoral. Nesse "jogo de aparência" se justifica a sua aparição risonha ao lado de Breznev, em Moscou, e ainda sua "amizade" com o mais ortodoxo dos líderes comunistas da Europa Ocidental de hoje, o "camarada" Alvaro Cunhal.

A "missão" de Berlinguer é tentar conseguir baixar a "guarda" de Cunhal — o que não parece de todo difícil atualmente. Berlinguer, espertamente, escolheu o momento certo para aparecer em Lisboa, pois sabe que acabará prestando grande serviço ao PCP (o que facilitará possíveis acordos no futuro). As vésperas de eleições antecipadas, o PCP parece, afinal, querer estender o seu eleitorado aos setores da classe média, que nos pleitos passados entregaram seus votos ao "bem-comportado" Mário Soares. E não há melhor propaganda neste momento para o PCP que uma fachada neo-eurocomunista e um aval berlingueriano.

Não se pode deixar de levar em consideração que é de extrema importância — para consumo eleitoral — uma mudança de imagem do PCP. Desde o "25 de abril" (e lá se vão cinco anos) o PCP vi-

nha nutrido a esperança de que uma "quartelada" da oficialidade "progressista" poderia levar o partido ao poder e Portugal a um socialismo à soviética. Mas não houve a tal "quartelada" (embora tentativas fossem feitas). E hoje, quando o conservadorismo ressurgiu em todo Portugal — por culpa do próprio PCP, que se manteve atrelado à ideia da "ditadura do proletariado" em uma sociedade ainda traumatizada pela ditadura salazarista — Cunhal, ao que tudo indica, parece disposto a rever algumas "questões de princípios". Somente tais "revisões" justificariam o convite a Berlinguer, o que nunca tinha acontecido nestes últimos cinco anos de legalidade do PCP.

A escala madrilenha de Berlinguer tem conotações completamente diferentes. Ali, segundo fontes próximas ao "biró político" do PCI, Berlinguer tentará demonstrar — na presença de Carrillo — que ainda é o grande líder eurocomunista — ou pelo menos o seu "guia espiritual". Apesar de o dirigente espanhol ter assumido mais, na prática, as novas ideias do comunismo ocidental, Berlinguer, talvez a pedido de Breznev, tentará ainda convencer Carrillo a não continuar "avançando tanto" nas suas críticas à União Soviética. No entanto, o ponto mais importante na Espanha pode vir a ser outro, se confirmadas as suspeitas de que Berlinguer pretende ampliar a sua área de influência aos PCS da América Latina (até recentemente ainda bastante fiéis a Moscou).

Se Berlinguer conseguir, enfim, jogar um papel importante no movimento comunista internacional, poderá consolidar — no plano italiano — a sua política partidária e esperar (sentado, dizem os adversários do Eurocomunismo) que a Democracia Cristã resolva ceder e aceitar o "compromisso histórico". De qualquer maneira, parece muito claro a necessidade que o PCI tem de conquistar aliados no movimento comunista ocidental.

Portugal:  
partidos se unem para as eleições

LISBOA (O GLOBO) — Duas coalizões partidárias, a "Aliança Democrática" e a "Aliança do Povo Unido", estão praticamente definidas para as duas próximas rodadas eleitorais em Portugal: a primeira, dia dois de dezembro para o Parlamento e a outra, provavelmente dia 16, para as câmaras municipais.

A "Aliança Democrática", tendência centro-direita, será formada pelos partidos Social Democrata (PSD), "Centro Democrático Social" (CDS) e Popular Monárquico (PPM) e com a adesão anunciada ontem, do chamado "Grupo dos Reformadores".

A segunda coalizão, que será confirmada neste fim de semana, inclui o Partido Comunista Português (PCP) e o Movimento Democrático Português (MDP). Ontem, o Secretário-geral do PC, Alvaro Cunhal, fez um apelo às forças de esquerda para ressuscitar a antiga "Aliança do Povo Unido" (APU), que participou das últimas eleições locais. O projeto de Cunhal visa às eleições intercaladas e às eleições municipais.

Alheio à formação de blocos, o Partido Socialista de Mário Soares decide na próxima semana a estratégia que seguirá na campanha eleitoral. Segundo analistas políticos, o Partido Socialista terá grandes dificuldades na eleição, já que perdeu dois dos seus expoentes, que aderiram à coalizão de centro-direita.

